

## CEM ANOS DE LITERATURA CABOVERDIANA: 1880/1980

(Sinópse)

**Luis Romano**

*Escritor, Conselheiro honorário de  
Cabo Verde no Rio de Janeiro*

### Preâmbulo

Enquanto não for publicamente conhecida a História da Literatura Caboverdiana, e oficialmente consagrada como fonte de consulta para uso geral, especialmente para a nossa Juventude, admitimos que o diálogo está aberto para sugestões, informações e pesquisas, em que cada um tem a liberdade de apresentar a sua contribuição.

Disso resultou a ideia de procurar ordenar, em síntese literária e cronológica, tanto quanto possível, os apontamentos que formam esta resenha a que demos o título de "Cem Anos de Literatura Caboverdiana", sabendo de antemão que há muito material que se perdeu, ou ficou guardado em bibliotecas privadas e estrangeiras, ou ainda está em mãos nostálgicas que, talvez sem querer, concorrem negativamente para que um trabalho completo e definitivo seja efectuado com proveito para todos nós.

Chamamos a atenção geral que a nossa preocupação foi trazer ao conhecimento público — especialmente o caboverdiano — nomes de literatos e letrados Caboverdianos que formaram as bases e contribuíram para a presença das Letras Caboverdianas no contexto que abarca desde 1880 a 1980, até a data presente.

Um estudo elaborado com o apoio da Verdade, para se chegar à realidade nacional, exige uma equipa competente de patriotas, acima de tudo conscientes de tão elevada missão.

Não é fácil despegar-se de condições impostas pela propaganda alienante quando ela inicia seu envolvimento desde a nossa tenra idade. Nessa falha é que deverá apoiar-se o pesquisador, para saber destrinçar o Artista do artesão, o Escritor do escriba, bem como desenterrar factos que as condições acharam melhor sepultar no silêncio.

Na carência de documentação comparativa disponível, vamos admitir que foi a partir de 1880 que teve início o aparecimento, através da imprensa, do que viria a ser a formação das Letras Caboverdianas, dispostas em camadas ou fases que poderemos assim esquematizar nos seguintes ciclos:

- I Herança Romântica . . . . . 1880 - 1910
- II Iniciadores com Vocação Patriótica. . . . . 1910 - 1925
- III Precursores ou Pré-Claridosos. . . . . 1925 - 1935
- IV Regionalistas ou Claridosos . . . . . 1935 - 1944
- V Realistas ou Pós-Claridosos . . . . . 1944 - 1960
- VI Modernistas . . . . . 1960 - 1980
- VII Contemporâneos de 1980 a ...

### I

#### Herança Romântica — 1880 a 1910

Esta fase recebeu grande influência literária de Portugal, bem como da França, através de livros traduzidos para deleite dos serões em família. Mais tarde apareceram obras do Brasil sofrendo do mesmo romantismo, e da poesia eivada de quadros exóticos e paixão escaldante daqueles climas tropicais.

As personagens que mais se destacaram e seguiram ou ficaram marcadas por essa época foram: Eugénio Tavares — poeta, trovador e publicista, António Januário Leite — sonetista, e José Lopes — poeta erudito e polígrafo. Convém lembrar que havia bom número de caboverdianos que já escreviam contos e poemas seguindo a mesma linha. Os nomes que retemos foram os mais significativos.

Foi nesse período que apareceram os primeiros escritos de Eugénio Tavares, no "Almanaque Luso-Brasileiro", a partir de 1881, e do Cónego Teixeira e Januário Leite, no "Almanaque Luso-Africano", de 1894 a 1899. Também por essa altura — 1902 — apareceu a célebre "Cartilha" do Cónego António Manuel da Costa Teixeira, já elaborando os primeiros passos para se dar à língua do Arquipélago Caboverdiano uma estrutura didáctica, o que foi motivo para controvérsias, proibição, e o Cónego cair em desgraça, por defender a prática do ensino bilingue — Caboverdiano e Português — nas escolas do Arquipélago.

Devemos convir que o impulso inicial e patriótico para se firmarem as bases da Nossa Língua, ao Cónego Teixeira não deve ser negado o mérito, nem o pioneirismo na recolha de elementos etnográficos em época tão remota, de que um valioso trabalho: "Sobre usos e costumes das Ilhas de CABOVERDE", publicado em 1882 por Custódio Duarte, já teria lançado as primeiras fundações.

Outros vultos conterrâneos debruçaram-se sobre a Terra Caboverdiana, razão que nos trouxe uma série de estudos que precisam ser do conhecimento público, principalmente dos nossos jovens que desconhecem os primórdios a que nos referimos.

Sempre cotejando o mesmo ciclo, em 1886, Joaquim Botelho da Costa e Custódio José Duarte compoem "O Crioulo de CABOVERDE"; e em 1887 A. de Paula Brito debruça-se sobre o mesmo assunto e dá a lume: "Apontamentos para a Gramática do crioulo que se fala na Ilha de Santiago", o que quer dizer que os nossos homens de letras também estavam já preocupados com a expressão nacional falada e escrita em caboverdiano.

Finalmente duas obras ilustram esta fase em apreço, com "Madeira, Cabo Verde e Guiné" — 1891, por João Augusto Martins e em 1899 "Subsídios para a História de CABOVERDE e Guiné", por Christiano José de Senna Barcelos, trabalhos de consulta, e que ainda não foram superados, infelizmente preciosidades fora do alcance público.

#### Início da Emigração para E.E.U.U. — Brasil e Argentina

Com o desaparecimento do entreposto da escravatura em CABOVERDE, a emigração para os Estados Unidos da América do Norte, Brasil e Argentina, incrementa-se de ano para ano, servindo Dakar muitas vezes de trampolim. A diáspora amplia-se e os núcleos caboverdianos no Estrangeiro constituem motivo para desenvolvimento de uma manifestação cultural baseada na música e na dança, tendo como pano de fundo a saudade, o amor interrompido, a quebra brusca do modo de viver, sem contudo eliminar os laços da família, a reflectirem-se nas heranças e costumes populares de cada região, tudo fundamentado no uso privado da língua nativa, chave de toda essa estrutura social.

#### A "MORNA" como veículo transmissor dos nossos sentimentos e ansiedades Participação popular

Embora seja muito antiga a notícia das primeiras "mornas" caboverdianas, não temos ao certo uma data precisa, que poderá até surgir dos primórdios de 1800.

O que importa é saber que a literatura caboverdiana começou através das canções locais, sob forma da poesia dolorida do romantismo. E a Emigração contribuiu para o desenvolvimento dessas canções que tiveram mais tarde um papel importantíssimo como instrumento de denúncia contra a sufocação social.

É nesta Herança Romântica que surgem as primeiras poesias, muitas, como as de Eugénio Tavares, adaptadas em letras para as suas mornas famosas, ainda hoje executadas com embevecimento.

No entanto, há que pesquisar nas letras das canções da Boavista e Ilha de Santo Antão, naquela época, já o prelúdio de uma mudança de estilo que transformou algumas mornas antigas em autênticas "cantigas-de-mal-dizer". E foi um passo apenas para se chegar às "Coladeras" que hoje sacodem o nosso arquipélago.

Mas ... os descendentes dos Africanos escravizados trouxeram música e danças coreográficas, que foram proibidas nos centros urbanos e que em locais íntimos davam livre vazão a tudo quanto tinha sido freio. Falamos das festas exogâmicas das Tabancas, da movimentação dos Batuques, da sincopação das Txabetas e da libertação física demonstrada no Funaná, sob a magia contagiante do imprescindível tambor, que impele os pares à prática da umbigada em determinadas ocasiões festivas.

E o nosso povo participou sempre nessas demonstrações culturais. Daí a divulgação das nossas cantigas no Estrangeiro.

Com a publicação de "Canções Crioulas", de José Bernardo Alfama, em 1910, estava aberta a estrada que nos levaria à porta de cada emigrante com um sinal-de-amor em forma de canção da nossa terra. Assim começou o internacionalismo da Literatura Caboverdiana, através da sua cultura popular.

#### Publicações entre 1880 e 1910

- 1881 — "Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro" — colaboração de Eugénio Tavares
- 1882 — "Sobre os usos e costumes das Ilhas de Cabo Verde" — Custódio Duarte
- 1886 — "O crioulo de Cabo Verde" — Joaquim Botelho da Costa e Custódio José Duarte
- 1887 — "Apontamentos para a Gramática do crioulo que se fala na Ilha de Santiago" — A. de Paula Brito
- 1891 — "Madeira, Cabo Verde e Guiné" — João Augusto Martins
- 1892 — "Roteiro do Arquipélago de Cabo Verde" — Christiano José de Senna Barcelos
- 1894/99 — "Almanach Luso-Africano" (2 vols.) — colaboração de António Manuel da Costa Teixeira (Cónego), Januário Leite e José Lopes
- 1899 — "Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné" — Senna Barcelos
- 1900 — "Notas sobre um fabuloso alcance" — Eugénio Tavares
- 1902 — "Cartilha Normal Portuguesa" — Cónego Teixeira
- 1904 — "Alguns apontamentos sobre as fomes em Cabo Verde, desde 1719 a 1904" — Christiano de Senna Barcelos
- 1910 — "Canções Crioulas e músicas populares de Cabo Verde" — José Alfama.

## Iniciadores com Vocação Patriótica — 1910 a 1925

É de notar que esta fase entronca-se com a anterior e destaca-se a partir de 1910 com as “Canções Crioulas”, de José Bernardo Alfama. Seguidamente aparece Pedro Cardoso com “Caboverdianas”, “Ode à Africa”, que edita o jornal “Manduco” para melhor espalhar suas ideias na lingua da terra.

As figuras mais em evidência nesse período são Eugénio Tavares com suas “Mornas” escritas na modalidade da Ilha Brava, e Pedro Cardoso seguindo a mesma linha, através da imprensa. Ambos visionários, conscientes e já militantes.

Tanto um como o outro optaram por uma atitude socialista, declaradamente revolucionária, que ainda não foi devidamente esclarecida, já que houve a preocupação envolvente de considerá-los poetas ingénuos, exóticos, que cultivavam curiosidades folclóricas, quando já pugnavam com relativo destemor por uma tomada de posição nacionalista — caboverdiana — o que mais tarde lhes valeu sérios contratempos.

Ambos publicistas, com presença em vários jornais da época, deram grande impulso ao periódico “Manduco”, já mencionado, que apresentou assuntos escritos na Língua Caboverdiana, o que, então, era audácia, senão temeridade de heróis, que também pressentiam o despertar do pan-africanismo.

Tratando-se de uma das fases mais importantes ou fundamentais das Letras Caboverdianas, em que personagens surgiram e desapareceram sob as malhas da situação actuante, sem deixar livros publicados ou trabalhos impressos para testemunhos, houve, contudo, bastante material literário manuscrito que circulou de mão em mão pelas ilhas e desapareceu sem deixar rastros, ou foi destruído conscientemente. Alguns ficaram em páginas de Almanaque.

Referimo-nos à época dos sonetistas e prosadores que criaram grêmios de intercâmbio cultural dentro e fora do Arquipélago, e de que só restam lembranças, por exemplo:—

“Reflexos do meu estro” — poesia — de João Mariano

“Inspirações” — poesia — de José Andrade Brigham

“Horas Vagas” — poesia — de Manuel dos Santos Lopes, com a participação de António Januário Leite, José Lopes, Félix Lopes, Pedro Cardoso, João José Nunes, Eugénio Tavares, Jorge Barbosa, Sergio Frusoni, Rodrigo Peres e tantos outros.

A presença da Maçonaria Europeia em CABOVERDE já vinha de muito antes e no século XIX tinha representantes eruditos que, em harmonia com outras etnias residentes desde os primórdios do povoamento pelas

diversas ilhas, consubstanciaram os alicerces que viriam ser, mais tarde, os primeiros gritos de protesto levantados por Eugénio Tavares e Pedro Cardoso, o que só a pesquisa histórico-literária poderá devidamente aqulitar os méritos, e revelar que entre aqueles poetas já havia patriotas participantes, como por exemplo Januário Leite e Félix Lopes, e alguns mais que ficaram no anonimato e morreram quase na miséria.

E já agora levantamos algumas questões que ainda não foram esclarecidas:

— Qual foi o papel da Maçonaria na formação liberal do Homem Caboverdiano?

— Que efeito teve, sob o ponto de vista cultural e miscigenação, a presença das famílias estrangeiras na Cultura do Homem Caboverdiano?

— Até onde se verificou essa miscigenação, já que existem ainda descendentes de cruzamento directo de europeus com escravas de raízes africanas trazidas ao tempo dos resgates no Golfo da Guiné?

— Que razão impôs tal miscigenação, se entre a maioria das famílias privilegiadas estabelecidas em CABOVERDE, algumas eram de nações europeias, provindas de Portugal, Génova, Flandres, Espanha e Inglaterra?

— Que figuras da elite maçónica euro-africana poderão figurar nos fundamentos da consciência nacional caboverdiana, desde os primórdios até a data presente?

— Quais as que mais especificamente deram um sentido nacional nas suas primeiras manifestações culturais?

Se algum dia forem satisfeitas estas perguntas, podemos estar certos que o primeiro capítulo da História da Literatura Caboverdiana finalmente surgiu da escuridão para cumprir sua missão divulgadora e patriótica.

Prosseguindo, desejamos vincar a importância deste ciclo que, de 1910 a 1925 é ainda mal conhecido para ser bem analisado, o que facilitou arbitrariedades de várias procedências quanto à apreciação dos trabalhos e mérito dos nossos intelectuais e publicistas daqueles tempos, envoltos em penumbra na íntegra, deformados ou injustiçados pela óptica da imprecisão e conveniências, ou ainda pela precipitação gratuita em matéria de crítica, condicionada por dogmas de rigidez intolerante.

## Pan-Africanismo. Ideias Socializantes

O que pouca gente sabe é que, já naqueles tempos, o problema da “Africa para os Africanos” era conhecido por alguns intelectuais caboverdianos, destacando-se entre todos, repetimos, Pedro Cardoso, com a publicação da sua “Ode à Africa”, longo poema dedicado aos delegados portugueses ao Congresso Pan-Africano em Bruxelas e Paris, em 1921.

Havia portanto essa consciência libertária, com repúdio pela escravidão, que, embora oficialmente proibida, ainda era praticada sob novas modalidades pelos negreiros que nunca deixaram de existir.

Encontramos poesias de Caboverdianos, assinadas simplesmente "Africano", ou "Um patrióta africano", o que indicava o grau de simpatia que se nutria pelos nossos irmãos da Costa. Ora se levarmos em conta a coragem desses conterrâneos, encerrados nalgumas destas ilhas, ao tomarem posição anti-imperialista, numa colônia que fora antigo entreposto de escravatura, há que admitir que um grande passo já estava sendo ensaiado nos alvares de uma literatura social, embora incipiente.

Aí é que reside o mérito e o humanismo de Pedro Cardoso e Eugénio Tavares, conquanto sujeitos — ambos — às influências ambientes de um romantismo em que foram criados e alimentados dogmaticamente.

Essa dualidade circunstancial não significa descaracterização, como muita gente pôde supôr.

Foi um meio para se atingir um fim, já que o campo de acção era restricto e sobretudo imperava a luta pela sobrevivência física de cada um dos nossos ilhéus.

Tanto assim é que ambos foram perseguidos, por motivos que mais tarde viriam servir para os elevar à categoria de líderes na nossa literatura evasionista, em que "o corpo cativo fica, e a alma livre, vai".

Estamos crenes de que páginas de combate, escritas tanto pelo primeiro, quanto pelo segundo, ainda não foram reveladas, totalmente, para se poder collocá-los no pedestal que lhes é merecido. É o dever de qualquer um de nós que as possuir é divulgá-las, em nome da justiça, da liberdade e da História da Literatura Caboverdiana.

Não sabemos, por falta de dados, de outros sinais semelhantes no período de 1910 a 1925, que já indicassem o desenvolvimnto desta preocupação libertária entre nossos intellectuais.

No entanto o aparecimento de trabalhos sobre os costumes e a lingua do povo caboverdiano, já eram prenúncio de uma preocupação nacional, mesmo embrionária e desapercebida que fosse.

Os primeiros sinais iniciavam a sua marcha, aproximando-se da nossa consciência como povo livre, de uma maneira misteriosa e subtil.

#### Publicações entre 1910 e 1925

- 1915 — "Caboverdianas" — poemas — Pedro Cardoso
- 1916 — "Amor que salva/satisfação do beijo" — poesia — Eugénio Tavares
- 1916 — "Mal de Amor, corôa de espinhos" — poesia — Eugénio Tavares
- 1916 — "Cartas Caboverdianas" — Eugénio Tavares
- 1918 — "Noli me tangere" — Eugénio Tavares

- 1921 — "Ode à África" — poema — Pedro Cardoso
- 1922 — "Primeiro Bilhete Postal" — Eugénio Tavares
- 1922 — "Segundo Bilhete Postal" — Eugénio Tavares
- 1922 — "Reflexos do meu estro" — poesia — João Mariano (inédito)
- 1923 — "Manduco" — Órgão defensor dos interesses da Colônia — os primeiros 5 n<sup>os</sup> até Outubro de 1923
- 1924 — "Manduco" — periódico de Pedro Cardoso com colaboração de Eugénio Tavares
- 1924 — "Língua de Pretos" — "Manduco" n<sup>o</sup> 11 — Eugénio Tavares.

#### III

#### Precusores ou Pré-Claridosos — 1925 a 1935

As actividades e preocupações literárias desenvolvidas em vários jornais e no irreverente periódico "Manduco", uma série de poesias declamadas, conferências proferidas em tertúlias de convívio intellectual, a agitação provocada por Eugénio Tavares, Pedro Cardoso e outros conterrâneos, constituíram o núcleo que estimulou, de certo modo, a formação da vanguarda dos que viriam mais tarde se coroar "Claridosos".

Havia já pressentimento colectivo, de uma Realidade, em forma da espécie de transição que se processava na Literatura e na Arte, enquanto a curiosidade e as ideias fustigavam os diálogos e debates, podendo-se fixar, entre outros, dois nomes importantes: João Lopes e Jaime de Figueiredo, como precusores, em potencial, da cultura desalienada caboverdiana nesta seguinte fase de modificações.

Foi dessa capacidade de analisar objectivamente que, em seguida, ambos apoiaram a apresentação e edição do livro de poesia realista "Diário", de António Pedro, em 1929, obra chave escrita por um lusoverdiano, que, ao descobrir as ilhas da sua terra no seu atavismo e dinâmica do dia-a-dia, viria — parece-nos — influenciar pela mudança, mensagem e estética, a primeira produção modernista de Jorge Barbosa: — "ARQUIPÉLAGO" — verdadeira revolução na Poesia Caboverdiana dessa década, quando aquele poeta iniciava sua libertação dos condicionamentos de uma herança saturada de sensualismo romântico, já cronologicamente superada, e torturada pelo suplício da métrica e das rimas, em detrimento da criatividade espontânea.

Toda uma instintiva e crescente participação regionalista foi-se estruturando, numa amplitude de contactos com Portugal e o Brasil, através de livros revolucionários na tessitura que seguiam correntes literárias de vanguarda, e que interligou os letrados e literatos das ilhas do nosso arquipélago, numa tensão emocional, a bem dizer desconhecida.

Em 1933 foi posta em ideia a criação da Revista "Atlante", seus idealizadores, enraizadamente caboverdianos, são nomes que muitas vezes não figuraram na imprensa local, mas que não deverão ser esquecidos, pelo apoio

simpatizante e actuante que prestaram ao "Grupo Claridoso", que saía então forjado para a tomada de consciência na descoberta da própria terra-mãe; ainda estão presentes e servem de documentação que a História um dia lembrará, tais como: João Lopes, Manuel Lopes, Manuel Velosa, Fernando e Henrique Torres e Jaime de Figueiredo, se apontarmos aos mais dinâmicos, conquanto a lista seja bastante extensa, para nela incluirmos Quirino Spencer que, também em 1933, lançou o "Manifesto", contra a velha literatice.

Registra-se a influência de escritores luso-brasileiros que já enveredavam pelo Realismo, alguns até transpondo barreiras para o Neo-Realismo, num confronto de opiniões que vinham coincidir com aquilo que o Escritor Caboverdiano analisava, extraindo elementos de expressão popular na seiva materna, para compôr e exteriorizar.

A linguagem torna-se mais nítida e o assunto é directamente focado, em detrimento das redundâncias do bom-tom, vigentes e influentes. A observação torna-se clínica, objectiva, e a Crítica passa a ser constructiva e não emocional ou simpatizante.

Com esses predicados, a forja estava pronta para fundir um novo metal, no cadinho em que se amalgamavam para se combinar, longas heranças, reflectindo as experiências dos componentes da Semana de Arte Moderna no Brasil, encimada por Mário de Andrade e do Grupo revelado pelo "Orpheu", com Fernando Pessoa, prosseguido pouco depois pelos modernistas que se distinguiram através da "Presença", em Portugal.

Assim se consubstanciou a primeira Revista Literária Caboverdiana: "CLARIDADE"!

Elementos temáticos:

As secas — A Diáspora  
Primórdios das levas para o Sul  
Deportações políticas para Cabo Verde,  
Primeira manifestação popular em Sanvicente contra a Fome e o desemprego

Entretanto a desertificação física do Arquipélago é uma realidade que custa a acreditar e que vem constituir o cenário principal de livros caboverdianos que se tornaram clássicos.

A Emigração prossegue como sentença irrevogável, levando os nossos irmãos para diversas partes do mundo.

Acontece, todavia, uma outra modalidade que passa a ser empregada, derivando nossa gente para o "Sul", ou seja Santomé, Fernando Pó e Angola, lenta mas progressivamente.

A presença de Deportados Políticos em CABOVERDE é outro factor que se adiciona ao nosso espanto, e vem esclarecer vários pontos obscuros quanto ao conceito da liberdade de opiniões e de acção.

Assim foram-se aglutinando os temas para a nova literatura que la-tejava como um tumor prestes a romper: o drama das secas, o drama dos Emigrantes, o drama dos Contratados, o drama da Censura, o drama da vida em CABOVERDE.

E, numa repetição de fomes sucessivas, o povo esgotado fisicamente, um dia quebrou a sua proverbial passividade e manifestou-se na Ilha de Sanvicente, em atitude de revolta contra uma situação de fome lenta, já que faltavam as chuvas e o trabalho, em 1934.

Não houve, através dos intelectuais então residentes em CABOVERDE, aparentemente, qualquer sintoma escrito sobre essa manifestação que foi sufocada pela polícia local e terminou com algumas deportações para as terras abaixo, como se dizia.

Sem dúvida o protesto extravazou através das nossas "cantigas-de-mal dizer", com a famosa Coladera "XINHABONGA" e que passou a ser a preferida em todo o arquipélago.

Também desconhecemos qualquer livro escrito por caboverdiano que denunciasse as cargas humanas de deportados políticos desterrados para CABOVERDE, e a sua consequência desumana, mais tarde, no Campo do Tarrafal, da Ilha de Santiago.

É o povo, sozinho, que reclama contra tanta calamidade, variando o sentido das nossas canções e incrementando o poder emocional das "mornas" ao denunciar sua dor em oposição declarada contra a liberdade e a situação asfixiante em que se vivia.

Essa força oculta viria, oportunamente, se personalizar no poema "Capitão Ambrózio" de Gabriel Mariano, nas canções populares sobre o Campo de Tarrafal e nos lamentos musicados de Abílio Duarte, com "Caminho de Santomé"

Publicações entre 1925 e 1935

- 1926 — "Jardim das Hesperides" — poema — Pedro Cardoso
- 1927 — "Duas Canções" — Pedro Cardoso
- 1927 — "Inspirações" — poesia — José Andrade Brigham (inédito)
- 1928 — "Algas e Corais" — poesia — Pedro Cardoso
- 1929 — "Diário" — poemas — António Pedro
- 1929 — "Hesperitanas" — poesia — José Lopes
- 1929 — "A Selva Bossana" — Eugénio Tavares
- 1929 — "A Ilha Brava" — Eugénio Tavares
- 1930 — "Hesperides" — fragmentos de um poema perdido em triste e miserando naufrágio — Pedro Cardoso

- 1931 — “Alguns aspectos da Ilha Brava” — Eugénio Tavares  
 1932 — “Mornas — cantigas crioulas” — Eugénio Tavares  
 1932 — “Paul” — crónica — Manuel Lopes  
 1933 — “Folclore Caboverdiano” — Pedro Monteiro Cardoso  
 1933 — “Dialecto Caboverdiano” — Noções elementares de Gramática — Pedro Monteiro Cardoso  
 1934 — “Do monogésmo mosaico ao Sermo Vulgaris” — Do romance português ao dialecto crioulo de Cabo Verde — Pedro Monteiro Cardoso  
 1934 — “Sonetos e Redondilhas” — poesia — Pedro Cardoso  
 1934 — “Através de Santo Antão” — Mário Leite  
 1934 — “Horas Vagas” — poesia — Manuel dos Santos Lopes (inédito)  
 1935 — “ARQUIPÉLAGO” — poemas — Jorge Barbosa

#### IV

#### Regionalistas ou Claridosos — de 1935 a 1944

Toda essa tãia de sequência deu origem consequentemente ao lançamento do órgão de Arte e Letras “CLARIDADE”, Revista que apareceu em 1936, e que veio abalar as velhas matrizes, apresentando ao público local um panorama totalmente diferente daqueles que os letrados caboverdianos estavam habituados a ler e, raras vezes, figurar.

De um dia para outro surgem nomes que quase viviam silenciosos, ou que existiam em círculos restrictos, limitados pelo ambiente familiar das conversas literárias locais, mas que foram e continuam sendo padrões evocativos da nossa intelectualidade: António Aurélio Gonçalves, Baltazar Lopes, Felix Monteiro, João Lopes, Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Pedro Corsino Azevedo e Jaime de Figueiredo como orientador entre os pioneiros dessa Revista, que ao todo publicou 9 números, assim distribuídos: 1936 = 2; 1937 = 1; 1947 = 2; 1948, 1949, 1958 e 1960 = 1 em cada ano, respectivamente.

Desse impacto constituiu-se o “Grupo Claridoso”, que se revelou não só ideologicamente avançado pela estética e intenção, mas também, local ou regionalmente, com evidente consciência nacional.

Formado por alguns elementos de elevada sensibilidade artística e outros de indiscutível erudição geral, “CLARIDADE” imediatamente conquistou adeptos e admiradores além-mares, em Portugal e no Brasil, principalmente, e tornou-se um inesperado e verdadeiro acontecimento, ou faísca literária caboverdiana localizada no Atlântico Médio.

A consequência foi o aparecimento de estudos e composições de alta cultura, que puseram o povo e a terra caboverdiana em destaque, sob prismas até então desconhecidos desenvolvidamente.

Ficou-se sabendo da existência científica da Nossa Língua, da riqueza atávica e força popular do nosso folclore, das fontes longínquas da nossa literatura oral através de histórias e cantigas locais, de conterrâneos que escreviam poemas arrojados e de vanguarda, de outros compatriotas que conseguiam descrever cenas da Nossa Terra que quase ninguém ainda tinha mencionado e de que muito pouco se sabia entre nós.

O admirável era que todo esse tesouro vinha condensado e reunido em folhas de caderno, que se podia guardar, encadernar e dar forma de livro para futuras consultas. E foi o que sucedeu. Quem teve a sorte de o colecionar guardou-o como relíquia. Os que não puderam fazê-lo aguardam a sua reedição, cheios de esperança, já que se trata de fundamental património da cultura caboverdiana.

Foi uma temporada de revelações, que durou alguns anos, e que agitou aquela mocidade vibrante, liderada por Baltazar Lopes, o qual se achava então em plena áurea de vigor artístico.

O estímulo foi geral e comunicativo, talvez mola que propiciou os primeiros sintomas para a formação embrionária das nossas mais fundamentais e significativas obras literárias que viriam surgir uma após outra.

A influência que resultou dessa fase reflectiu-se em livros que foram publicados até décadas depois, nomeadamente, por ordem cronológica:

Em 1941, “Ambiente”, de Jorge Barbosa; em 1947, “Chiquinho”, de Baltazar Lopes; em 1955, “Caderno de um Ilhéu”, de Jorge Barbosa; em 1956 e 1960, “Chuva Braba” e “Flagelados do Vento Leste”, de Manuel Lopes; em 1960, “Cais de vêr Partir”, de Nuno Miranda; em 1963, “Distância”, de Teobaldo Virginio, e em 1978, “Ilhéu de Contenda”, de Henrique Teixeira de Sousa, — entre os mais destacados, escritos por autores caboverdianos ligados à corrente dos “Claridosos”, directa ou indirectamente influenciados por um credo artístico ideológico, ou por uma simpatia de ténue resistência nacionalista ainda mal definida, embora sutilmente esboçada, principalmente na poesia.

De um resultado podemos estar certos: “CLARIDADE” lançou penetrantes raízes e formou uma escola que, a longo prazo, amadureceu e deixou seguidores na evolução da Literatura Caboverdiana, evidentemente com as necessárias e novas tendências, ou mudanças de qualquer cultura em processo dinâmico.

É justiça dizer que foi uma autêntica temeridade de jovens compatriotas conseguir dar vida a uma revista de tal envergadura, num meio restricto de contactos com o mundo culto do exterior, e de difícil convívio no hinterland, com elementos espalhados pelo arquipélago, submetidos quase que ao isolamento pela raridade das intercomunicações, elementos

sempre preocupados com a sobrevivência física, e ainda mais, obcecados pela ameaça do desemprego, ou da emigração como último refúgio de vida.

Heroicidade que merece o apreço de todos quantos têm consciência do que é fazer Arte e Letras em condições precárias e em ambiente dos menos indicados — como era o nosso — para se desenvolverem, na situação adversa que vigorava, ideias livres em arte e avançadas em letras, tendo por esteios somente a competência e a seriedade intelectuais, predicados que ficaram marcando uma pléiade de “visionários” ou mensageiros.

#### A Selecção Literária e Artística

A eficiência cultural que se ficou devendo à “CLARIDADE”, foi sobretudo o rigor imposto na selecção dos seus colaboradores. E, compreende-se: para uma Revista que se projectava com vocação representativa de uma comunidade afro-europeia moderna, era necessário um programa exigente, sobre assuntos respeitantes à terra e escritos por pessoas competentes.

Esses atributos conferiram imediatamente um elevado critério cultural, e concederam excelente apreço por parte dos leitores nacionais e estrangeiros, aos estudos e à ficção na poesia e na prosa apresentados em todos os números.

“CLARIDADE” tornou-se, na sua primeira fase, por isso, paradoxalmente erudita, e popular no sentido regional.

Erudita por nela figurar uma elite de intelectuais seleccionados pela exigência de uma conduta que se transformou num círculo fechado.

Popular-regional, por se debruçar sobre assuntos locais, em que o povo é a personagem principal, mas um participante como elemento que se estuda, mas com quem não se convive mais estreitamente.

Julgamos que por ter faltado a presença actuante dos Jovens na fase inicial dessa Revista, é que nos números seguintes já se fazem notar as primeiras amostras dessa Juventude que veio trazer frescor e mais popularidade nos temas apresentados, quer em prosa, quer em poesia.

Foi uma verdadeira mudança nas estruturas, em que os Mestres se confundem com os Alunos, a bem de uma missão cultural colectiva, que passa efectivamente a ser democrata e fraternal.

Os assuntos já abrangem círculos maiores. Há recolhas “in loco” de danças e estórias, de cantigas e manifestações folclóricas, de narrativas extraídas do povo, de poemas e prosas ocupados com o valor da mãe-terra e o destino dos nossos emigrantes e contratados, e ainda daqueles que ficaram olhando para o mar, num fatalismo de hipnotizados.

A última fase da Revista “CLARIDADE” de 1947 a 1960, é caracterizada pela sua heterogeneidade cultural, como também pela variedade

dos seus colaboradores, predominando a jovem guarda que se tornara iconoclasta cem por cento, já com nobre sentido nacionalista.

A corrente ou influência socialista é notável, quer no sentido, quer nos temas escolhidos. Os poemas passam a ser instrumentos de apelo e denúncia.

A prosa dos contos, as novelas, as narrativas e estórias não mais são que reivindicações a favor da dignidade humana ofendida, sobretudo do homem caboverdiano, ou dos homens cercados e famintos, que morrem estoicamente silenciosos.

Foi então que a Censura intensificou-se, desconfiando de tudo e de todos. A Revista “CLARIDADE” não poderia mais circular em tal ambiente e deixou de existir.

#### Publicações entre 1935 e 1944

- 1935 — “Arquipélago” — poesia — Jorge Barbosa
- 1936/37 — “CLARIDADE” — Nºs 1, 2 e 3 — primeira fase
- 1937 — “Amor e Saudade” — poesia — Pedro Cardoso
- 1937 — “Aspectos da ironia de Eça de Queirós” — crítica — António Aurélio Gonçalves
- 1937 — “Os cinco milhões” — noveleta — João de Deus Lopes da Silva
- 1938 — “Devaneios” — poesia — António Nunes
- 1939 — “Eterno Amor” — noveleta — João de Deus Lopes da Silva
- 1941 — “Ambiente” — poesia — Jorge Barbosa
- 1941 — “Saudosamente” — poesia — José Lopes
- 1941 — “Cabo Verde — Ilha de Santo Antão” — Joaquim Duarte Silva
- 1941/42 — “Cadernos luso-caboverdianos” — “A mi que é lhar Fogo” (1940), “Ritmos de morna” (1942), “Sem tom nem som” (1942)  
3 volumes — Pedro Cardoso

#### V

#### Realistas ou Pós-Claridosos — 1944 a 1960

Com a eclosão em 1944 da folha literária “CERTEZA”, de tendência progressista, com que os rapazes da “Academia Cultivar” conseguiram furar o bloqueio da Censura, embora só com dois números publicados e o terceiro interdito em plena confecção, pode-se considerar que desse impasse nasceu a fase “Pós-Claridosos”, em que já a influência do Realismo superava o Regionalismo, para se encaminhar decididamente contra o colonialismo, numa denúncia mais aberta.

A seiva impetuosa que emanava desse novo grupo de jovens acadêmicos diferia daquela inicialmente que impulsionou os "Claridosos", pela idade, pela vocação e tendências sociais e por outras ânsias artísticas; até pelo destemor na imprudência.

Em "CLARIDADE" havia análise amadurecida; exposição comedida e um certo pendor da arte pela arte.

Em "CERTEZA" destacava-se a irreverência, a fugosidade na exposição das ideias, o inconformismo à pragmática, sem faltar competência nem criação artística no campo da arte social com maior amplitude.

Essa dicotomia ou bifurcação literária era fruto incubado de estágios anteriores que não chegaram a amadurecer plenamente, mas que provocaram nova arrancada e estimularam, num conagraçamento, as duas gerações em foco, de que veio resultar um período diferente pela temática e pela criatividade, registrado na Literatura Caboverdiana.

Destacamos os nomes mais significativos daqueles intelectuais caboverdianos que brilharam e fizeram presença, quer na "Academia Cultivar", quer em "CERTEZA", sem desmerecimento dos demais colegas e confrades:—

Nuno Miranda que como poeta atingiu posição tão elevada quanto a de Jorge Barbosa; Arnaldo França que muito cedo revelou pendor pela poesia e pela análise crítica; Silvestre Faria e Tomás Martins poetas-protesto.

Escrevendo prosa e poesia, organizando palestras e saraus culturais, os elementos da "CERTEZA" fizeram uma obra digna de louvor, que pessoalmente assistimos e acompanhamos, mas que raríssimas vezes é hoje mencionada, senão quando para auto-promoção dalguns arrivistas mal informados ou passageiros.

Ao que parece, daquela plêiade estudantil, só Nuno Miranda e Arnaldo França continuaram literatos, cada um para o seu lado, na hora presente.

Acontece então, em 1947, a publicação do primeiro romance regionalista moderno, caboverdiano, escrito por um dos mais ilustres filhos de CABOVERDE. Referimo-nos a "CHIQUINHO" de Baltazar Lopes; tanto tempo esperado, como se fosse uma daquelas antigas cartas de alforria!

E foi uma consagração, sem dúvida!

Embora moldado em evocações de uma infância longínqua, o livro trazia uma lição humana, e, até onde o seu autor pôde chegar, nas suas entre-linhas, pressentia-se uma velada denúncia social-local, para, mais tarde, quem tivesse coragem e condições, pudesse realizar ou completar a missão patriótica de mensagem humana nele reflectida, e condicionada pela situação geográfica do seu Autor, um Homem-de-Letras vigiado.

Desencadeia-se, com o aparecimento de "Chiquinho", uma febre de escrever generalizada, que, submetida às novas correntes literárias do

Realismo e Neo-Realismo, enriqueceram a nossa literatura com obras que ficaram sendo basilares, embora hoje inexplicável e dolorosamente padecendo de quase nenhuma circulação, salvo raríssimas exceções.

O povo da nossa terra e sobretudo a Juventude, desconhecem a maior parte dos livros dos Nossos Escritores. É uma situação que merece ser denunciada quanto antes e corrigida com a presença de uma Editora Caboverdiana em CABOVERDE, acabando-se de uma vez para sempre com a dependência editorial em que está agonizando a nossa literatura descomprometida com situacionismos ultrapassados.

Retomando o fio da época "Pós-Claridosa", verificamos que ela termina com duas manifestações estudantis, ambas já frontalmente intolerantes aos dogmas de uma inferior condição social superada pelo Realismo consciente.

Referimo-nos ao "Suplemento Cultural", em que colaboram novos resistentes tais como: Ovidio Martins, Gabriel Mariano, Aguinaldo Fonseca, Terencio Anahory, Carlos Alberto Leite, entre outros, em 1958.

Não obstante a Censura ter só permitido a saída do primeiro e único exemplar dessa espoleta literária, isso não impediu que, em 1959, surgisse o "Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes", — novo órgão similar, com o mesmo destino e tempo de vida, mas que revelou ao público nomes de outros combatentes e futuros escritores: caboverdiano Dambará, Corsino Fortes, Onésimo Silveira, Rolando Vera-Cruz, etc., etc.

Tanto um grupo como o outro deixou notável contribuição literária, que mais tarde viria servir de apoio à atitude libertária que se preparava através de livros-denúncia que indicamos pela ordem de publicação: "Farrastos", de Luis Romano; "100 poemas", de Ovidio Martins; "Capitão Amórózio", de Gabriel Mariano; "Linha do Horizonte", de Aguinaldo Fonseca; "Hora Grande", de Onésimo Silveira; "Noti", de Kaoberdiano Dambará; "Pão & Fonema", de Corsino Fortes; "O primeiro livro de Notcha", de João Vário; "Caboverdeanadamente construção Meu Amor", de Osvaldo Osório, de entre os mais empenhados no engajamento nacional.

Este período termina com duas obras que merecem destaque e análise: "Os Flagelados do Vento Leste", de Manuel Lopes e "Cais de vêr Partir", de Nuno Miranda.

A primeira, que consideramos a continuação de "Chuva Braba" (1956) é, até agora, o momento mais feliz de Manuel Lopes na literatura caboverdiana, submetida a influências da corrente dos "Claridosos".

A segunda tem a propriedade de nos revelar o poeta Nuno Miranda nos seus melhores instantes de contemplação e incomodidade de ilhéu, que talvez pressentisse o afastamento da sua terra-natal e suas consequências dolorosas que nós, os emigrantes, conhecemos integralmente.

E não podemos terminar esta fase sem mencionar o papel destacante de dois patriotas animadores, que desenvolveram um trabalho cultural pela Radio, quase paralelamente, em crônicas periódicas. Foram eles João Cleofas Martins (Nhô Djunga), com aquela mordaz "Roupa de Pipi", e Sergio Frusoni com o seu "Mosaico Mindelense" cheio de anedotas e observações documentativas para a História de CABOVERDE. "Nhô Djunga" foi um filósofo irônico e brincalhão a seu modo, dotado de elevada comisseração pela pessoa desvalida, sempre pronto a apontar erros e desmandos.

Sergio Frusoni, um poeta que encontrou no enredo de estórias cômicas um instrumento de desabafo e de divertir seu público, num clima de humanismo cristão.

Ambos arriscando a própria segurança física para denunciar o mal-estar que então envolvia a terra caboverdiana, já que "tudo tinhá acabado em nada", conforme refrão de uma cantiga popular.

Foram duas figuras locais e queridas, que em épocas amargas conseguiram arrancar o riso da tristeza, e, através da troça, indicar ao mesmo tempo as falhas decorrentes de uma terra conquistada, onde o povo padecia, sem ter por quem apelar, ante a mortandade das fomes, quando as chuvas demoravam anos a fio sem molhar as nossas ilhas e o homem se contratava, para não morrer de fome, rumo às roças de café.

"Roupa de Pipi" — não foi publicado ainda, embora algumas amostras tenham sido divulgadas, quer em gravações, quer mimeografadas. "Mosaico Mindelense" — também inédito, talvez para breve seja divulgado em forma de livro como desejou seu Autor.

De qualquer forma, quando forem editados, será prestada justa homenagem a dois militantes isolados, que ficaram na retaguarda, estimulando os futuros combatentes caboverdianos que se distinguiram na Unidade patriótica e na Luta nacional.

## AMILCAR CABRAL

A sabedoria popular diz que o Líder está na rua, por entre as pedras. E o dia surge em que ele aparece subita e misteriosamente, deixando grassar o espanto à sua volta, enquanto naturalmente as falanges de seguidores passam a fazer dele uma figura carismática.

Assim aconteceu com Amílcar Cabral — afroverdiano — que cumpriu dignamente sua missão de homem livre, poeta/soldado e herói sacrificado em prol da Nossa Liberdade.

Desejamos esclarecer que Amílcar Cabral foi um dos membros da "Academia Cultivar" e que já naqueles idos ele revelou tendências socialistas, através da sua iniciação literária. Mais tarde é que deixou perceber a veia poética de que era dotado e foi, com a mais elevada honra e dedica-

ção de um camarada dos tempos do Liceu, que conseguimos uma pequena coleção dos seus poemas e publicamos na Revista "VOZES" do Rio de Janeiro.

Há que ponderar e saber que Amílcar Cabral foi mais um escritor político do que literário na sua definição mais popular. No entanto o Líder estimulou grande número de intelectuais, pela sua actuação libertária na Africa, como também pela sua coragem pessoal. O resultado foi o brotar da ideia e de uma literatura anti-colonialista, produzida pela maioria daqueles seus companheiros da Casa dos Estudantes do Império que se mantiveram fiéis aos princípios de que toda a criatura tem a necessidade e o direito de ser independente, sobretudo especificamente na sua própria terra: — Africa!

## Publicações entre 1944 e 1960

- 1944 — "CERTEZA" — (Folha da Academia) — Mindelo — Sanvicente. Dois números. O nº 3, chegou a ser impresso, mas a Censura proibiu a sua saída da tipografia, e essa edição foi destruída.
- 1945 — "Poemas de longe" — António Nunes
- 1946 — "Missiva" — poesia — Daniel Filipe
- 1947 — "CLARIDADE" — Nºs 4 e 5
- 1947 — "Chiquinho" — romance — Baltazar Lopes
- 1948 — "CLARIDADE" — Nº 6
- 1949 — "Bejo Caro" — (confissão de Zé Badiu) — poema — Juvenal Cabral
- 1949 — "CLARIDADE" — Nº 7
- 1949 — "Marinheiros em terra" — poesia — Daniel Filipe
- 1949 — "Poemas de quem ficou" — Manuel Lopes
- 1949-64 — "CABOVERDE" — Boletim de propaganda e informação — 167
- 1951 — "Linha do Horizonte" — poemas — Aguinaldo Fonseca
- 1951 — "Lirios e Cravos" — poesia — (Edição póstuma) — Pedro Cardoso
- 1952 — "Poesias" — Januário Leite — (Ed. Ass. Acad. Mindelo)
- 1955 — "Cadernos de um ilhéu" — poemas — Jorge Barbosa
- 1956 — "Chuva Braba" — novela — Manuel Lopes
- 1956 — "Cabo Verde visto por Gilberto Freire" — Baltazar Lopes
- 1957 — "O Dialecto Crioulo de Cabo Verde" — léxico — Baltazar Lopes
- 1957 — "Alma Arsinária" — poesia — José Lopes
- 1958 — "CLARIDADE" — Nº 8
- 1958 — "Evocação faialense" — folheto — Manuel Lopes
- 1958 — "Horas sem carne" — poemas — João Vário
- 1958 — "Suplemento Cultural" — único número em que colaboram: Aguinaldo Fonseca, Carlos Alberto Leite, Francisco Lopes,

- Gabriel Mariano, José Augusto Monteiro Pinto, Ovídio Martins,  
Sylvia Crato Monteiro, Terencio Anahory, Yolanda Morazzo
- 1959 - "O Galo que cantou na baía" - contos - Manuel Lopes
- 1959 - "Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes" - único número em  
que colaboram: Corsino Fortes, Felizberto Vieira Lopes, Oné-  
simo Silveira, Rolando Vera-Cruz Martins
- 1959 - "Inquietação e serenidade" - aspectos da insularidade em Cabo  
Verde - Gabriel Mariano
- 1959 - "Do funco ao sobrado, ou o mundo que o Mulato criou" -  
in "Colóquios Caboverdianos" - Gabriel Mariano
- 1960 - "CLARIDADE" - Nº 9
- 1960 - "Poemas Caboverdianos" - Teobaldo Virginio
- 1960 - "Toda a gente fala: - sim senhor" (novela e 3 poemas) - Oné-  
simo Silveira
- 1960 - "Antologia da Ficção caboverdiana contemporânea" - Ed.  
Henriquinas - Praia
- 1960 - "Cais de vêr Partir" - poesias - Nuno Miranda
- 1960 - "Os Flagelados do Vento Leste" - romance - Manuel Lopes

(Continua)